

ANCESTRALIDADES NÔMADES:
dramaturgia da cena em processo

ANCESTRALIDADES NOMADICAS
dramaturgia de la escena en proceso.

NOMADIC ANCESTRALITIES
dramaturgy of the scene in process

Zeca Ligiero¹

Quando pensei no projeto Ancestralidades Nômades não tinha exatamente uma ideia concreta. A principal ideia era de contrariar o conceito corrente de que ancestralidade pertencia a um determinado grupo de pessoas com uma geografia delimitada circunscrita a um conhecimento bibliográfico. Comecei a pensar no eterno movimento de grupos que ao longo de séculos se deslocaram de um lugar para o outro por diferentes razões, invasões, guerras internas, epidemias ou escassez de alimentos. Mas levavam consigo suas lembranças primordiais, suas referências espirituais por meio do culto de seus célebres mortos: guerreiros, líderes políticos, santos, curandeiros. O projeto não avançou muito como pesquisa acadêmica, mas algumas peças curtas de teatro foram escritas em processos criativos em colaboração com atores, dançarinos, performers. Duas delas, selecionei para este número da revista Rascunhos, pois trazem o caráter experimental do ensaio, enquanto uma perspectiva de vivência e de tentativa de acertar pelo caminho torto da tentativa e do erro. Escrever, experimentar em cena, reescrever e voltar para a cena até surgir algo que já não é escrita literária, mas escrita cênica, incorporada pelo gesto e pela ação. Elas partem sempre de narrativas, de referências de migração, segregação e memória. Ao final, personagens das margens que se revoltam. Mas, no caso, essas duas peças

¹ PhD, Artista, Escritor, Professor Titular da UNIRIO.

não tem nenhuma ligação entre si, pois nasceram de distintas colaborações a partir de convites feitos por colegas artistas.

Com vocês: *Mulher Tronco ou Dama de Elche*, que chegou a ser montada, e *Ignus Sanctum*, que na realidade é um roteiro para coreografia e nunca chegou a ser tentada em cena.

Nota do autor:

Em 2017, comecei um processo colaborativo com a atriz Karol Schittini. Ela queria fazer um espetáculo, uma performance sobre uma estátua de mármore exibida atualmente no Museu Arqueológico Nacional de Espanha em Madrid e com uma interessante história encontrada. Por falta de referências históricas sobre este achado do Século VI AC. foi chamada de Dama de Elche, porque foi encontrada casualmente por um camponês no dia 4 de agosto de 1897 . Com 56 cm de altura ela possui nas costas uma cavidade quase esférica de 18 cm de diâmetro e 16 cm de profundidade, que possivelmente servia, como objeto sagrado para guardar relíquias, objetos sagrados ou cinzas de defunto. Muitas outras figuras ibéricas, encontradas noutros lugares, têm também nas costas um espaço côncavo e, como a Dama de Elche, os seus ombros apresentam-se ligeiramente curvados para frente².



Estatua da Dama de Elche. Ilustração de Zeca Ligiéro.

² Patrocínio, Manuel Francisco Soares: Feminino, antigo primordial - As repercussões culturais do achado da Dama de Elche (1897) na transição para o séc. XX», in Feminino ao Sul – História e Historiografia da Mulher Lisboa, CIDEHUS/Universidade de Évora – Núcleo de Estudos da Historiografia da Mulher, 2008.

O texto foi a referencia para a criação da performance de Karol Schittini que optou por uma performance focada em aspectos visuais e coreográficos e a estátua, em vez da original “Mulher Tronco” proposta originalmente por mim, virou uma potente dançarina que viajava pelo tempo, encarnando as diversas etnias que poderiam estar presentes nas suas joias provenientes de diversas regiões do planeta.

Recentemente, relendo o texto, percebi nele uma carga dramática insuspeitada naquele momento, manancial que não foi ainda explorado cenicamente e resolvi publicá-lo. Não mexi uma vírgula, quem sabe outras cargas ancestrais possam vir à tona, especialmente a questão da metáfora de uma mulher que mesmo cortada ao meio, constitui o enigma das sucessivas migrações ibéricas ainda no século VI ac. o que vem atestar a impureza do conceito racial. Portanto, ela também exhibe esta ancestralidade ibérica multirracial, que ao contrario, por algum tempo, foi exibida pelo fascismo do General Franco como o ideal modelo espanhol helênico de raça branca.

* * *

MULHER TRONCO OU A DAMA DE ELCHE

Zeca Ligiéro, 2017

UMA ESTATUA DE MÁRMORE DO SÉCULO VI AC DE UM TRONCO DE MULHER, SEM BRAÇOS E TODA A PARTE INFERIOR DO CORPO, PELO PESO DE SUA LEMBRANÇA SE TORNA VIVA POR ALGUM TEMPO. O QUE ERA INERTE NUMA SALA SILENCIOSA DE UM MUSEU, TORNA-SE UM SHOW DE HORROR, COMO AQUELES PROMOVIDOS PELOS COLONIZADORES QUE ORGANIZAVAM OS GABINETES DE CURIOSIDADES, MAIS TARDE TRANSFORMADOS EM ZOLÓGICOS HUMANOS VISITADOS POR UM PÚBLICO CURIOSO DE COISAS EXOTICAS.

DAMA DE ELCHE: Qual é meu nome? Nem eu mesma sei. Me esqueci, ou nunca tive. Me aprisionaram em mármore, me esquartejaram, e me deixaram aqui, como busto. A minha natureza bruta, um vez lapidada, entretanto me fez conservar minhas feições intactas como se pertencesse ainda ao mundo dos humanos embora tivesse vivido em baixo da terra por mais de dois mil anos. Hoje sou o que vocês veem. Imóvel. Impassível. Contida, contrita. Testemunha de tantas transformações em minha volta, de tantas migrações, de tantos desatinos.

Não me perguntem de onde vim? Por onde andei. Sei que sou migrante, é da minha natureza. Selvagem diriam, necessária insistirei. Em minhas joias trago pedaços de lugares por onde pisei. De quantos homens tocaram no meio seio em busca do leite do prazer. De quantos me delapidaram com sua gula, com sua sede, com seu desejo constante, infundável e imutável.

Sou o que sou, de pedra e joalheira da Pérsia, do Oriente Médio, do Norte da África, das ilhas gregas, do sul da Itália. Sou ibérica por natureza mas não sou branca como querem e provavelmente não sou nativa da Espanha. Sou o arco Íris das raças, sou fruto das invasões, daquele grupo de filhas abandonadas, de soldados e mulheres tecelãs, pastoras, mulheres que ficavam presas em casa esperando seus maridos voltarem da guerra enquanto eram estupradas com suas filhas ainda crianças enquanto seus filhos eram levados para serem soldados jovens dos invasores.

Minha história recente? Querem mesmo saber? Há 120 anos, um camponês cansado da lida, sentou-se por acaso sobre a minha cabeça que despontava do chão como pequeno ovo de dinossauro, como se fosse rocha nativa daquele lugar estéril de pastagem onde havia sido jogada pelo acaso. Ele descobriu que estava polida aquela pedra bonita e cavou em torno de mim, como se despisse do véu da terra que me envolvia inteira e me fez enxergar novamente a luz do sol, como se iris tivesse o meu olho opaco e ar entrasse em meu pulmão de pedra e novamente como se vida me ganhasse outra vez.

Mas já não tinha o resto do corpo, se é que tive um dia. Vai que pude ser concebida assim, para servir aos homens deste jeito? Assim foi o desejo de quem pagou e quem me fez. Assim era o mundo dos homens daquela época. Sem a parte baixa do corpo, e sem braços, apenas para esquatejada ser alguma obra de arte para servir como urna funerária em seus templos, extirpando assim o que não mais interessava para meia mulher ser inteiramente parte daquela fé estritamente masculina.

Já não sei quem me concebeu, e porque nasci assim! Alguém ai sabe porque nasceu negro, branco, albino, manco? Com o nariz assim? Com o cabelo assado? Não sei também em qual guerra todo o grupo que me criou foi exterminado me deixando assim exposta ao sol, a chuva e ao lamaçal que me cobriu toda com o passar dos séculos. Ou se foi uma civilização cristã ou bárbara que por lá passou, não conseguindo me destruir o testemunho da pedra que me constitui, me enterrou para assim fazer desaparecer a minha origem multicultural, multiétnica, transitória entre o feminino e masculino, mistura que emana de minhas feições dúbias, duplas. Tenho seio mas não tenho sexo. Sou híbrida. Mas em mim se percebe apenas o feminino. Por conveniência.

Fui reconhecida como uma obra de arte. Não tão famosa, quando quis o General Franco, o carrasco fascista que mandou matar Frederico Garcia Lorca e tantos outros, responsável por um extermínio sem igual em seu país. E que um dia, escreveu a Hitler, pedindo que eu fosse retirada do Museu do Louvre que me havia adquirido do camponês de Elche, aquele que me desenterrou um dia. A França estava invadida pelos nazistas, e Hitler me mandou de volta como um troféu de guerra. E fui exibida como um símbolo de uma Espanha nacionalista, fascista, e viram em mim, apenas a origem clássica, grega, branca, superior. Caiu Franco, caiu Hitler, e fui amontoada de novo como símbolo de uma era que se queria enterrar.

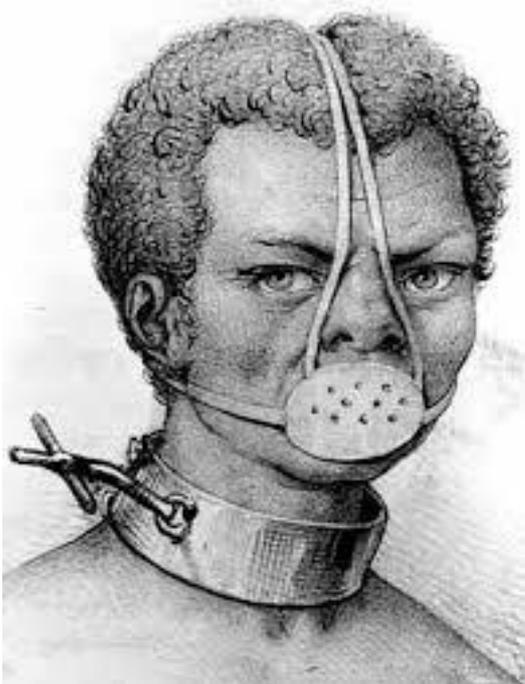
Desculpem o desabafo, tudo isso estava entalado na minha garganta. Não vou incomodar mais. Vou voltar a ser estátua antes que algum guarda do museu percebe que ainda há vestígios de vida em minha natureza

inquieta, que borbulha em mim um inconformismo hereditário e queira me colocar numa redoma de vidro. Aff, como fiquei revoltada. Boa noite.

* * *

Nota do autor:

Em 2017, fui convidado por Denise Zenicola para escrever um roteiro para uma criação coreográfica junto à sua pesquisa Máscaras Decoloniais. Não sabia nem por onde começar, e foi a ideia da máscara de ferro que teria pertencido à escrava chamada Anastácia, ou aquela desenhada por Jean Baptiste Debret que me chamou atenção como a grande máscara do poder colonial no Brasil. Ao mesmo tempo que se castigava o corpo já despojado de toda liberdade de expressão, lhe roubava do rosto a identidade para lhe emprestar uma aparência homogeneia de ser e estar à serviço da demanda de uma sociedade saindo do rural e entrando num período pré-industrial em ensaio na América Latina. Uma máscara de ferro imposta por uma elite que escraviza, mecaniza o corpo como máquina humana de trabalho forçado, roubando-lhe a sensibilidade e transformando a sua dor em escarnio de folhas de flandres.



Gravura de Escrava Anastácia, autor desconhecido.



Gravura de Debret, 1834.

Como as melhores coisas que produzo vem a mim por meio dos sonhos, essa não foi diferente. Depois de algum estudo nas noites anteriores, nas manhãs seguintes algumas imagens começam a aparecer e pedem ação e organização sobre o papel. A imagem de um ferreiro escultor apareceu distinta. Creio que a figura do escultor é inspirada artistas afro-baianos José Adario dos Santos (Zé Diabo) e Clodomir Menezes da Silva (Mimito), que trabalham com o ferro lindamente, assim como conhecem os segredos das artes do fogo ligadas à força dos Orixás, presente nas ferramentas sagradas saídas de suas forjas. Entretanto, é importante salientar que o personagem Zeno é absolutamente ficcional na história proposta aqui, uma criação de minha (i)responsabilidade.

Surpreendi-me pela ação que se impôs diante da escrita e, assim, a deixei ir no fluxo que veio, até onde ela queria ir. Como uma dança inexorável. Talvez, quem sabe, seria a escrita psicografia, ou de outro modo, um momento em que sintonizei com desejos ancestrais que extrapolam a minha compreensão e a minha determinação de ser crítico e distanciado?

Infelizmente, a coreógrafa não produziu a minha história e não sei ainda se é possível encende-la como dança, teatro ou sei lá o quê. O querido e multi performer/dançarino Benjamin Abras se interessou, aguardemos... Já que ela ainda não foi para o palco, convido o caro o leitor ao exercício de alteridade, que desta forma, seja possível imaginar a história como se fosse sua, colocando-se na pele negra de um ferreiro dominado pela sua própria revolta ancestral em fúria incendiária.

* * *

IGNUS SANCTUM (FOGO SAGRADO) ROTEIRO PARA UMA COREOGRAFIA

Zeca Ligiéro, 2018

Houve uma época em que a cruz e a espada caminharam juntas na conquistas das terras, no extermínio dos povos na África na Ásia e nas Américas.

Houve uma época em que totens, altares de madeira e esculturas milenares de ancestrs foram colocados na fogueira e queimados como sendo coisa das trevas, da ignorância, do pecado abominável,

Houve uma época em que as máscaras dos deuses anteriores à era cristã foram condenados ao extermínio porque eram considerados a própria presença do mal, de tudo que deveria ser exterminado à ferro e à fogo, por causa de um único Deus, um único rei, uma única língua seguindo à obediência a todos os valores de Cristo Rei.

Rebeliões, quilombos, palenques, mocambos, aldeias, foram massacrados, dizimados, calados, liquidados. Seus descendentes, migrantes nos morros, no interior das selvas, nas colinas, nas palafitas nos manguezais seguem seus caminhos tortuosos de resistência em todos os continentes no meio ao luxo urbano e as doenças infectocontagiosas, a fome e suas consequências irreversíveis.

Zeno era um ferreiro anônimo, e desde cedo aprendeu tudo com a forja. E fazia ferramentas de santo, punhal e arame para cerca, ferrolho e chave. Um dia, pensou em criar algo diferente, queria criar uma máscara com o material que tão bem conhecia: ferro e fogo. E dai surgiu a primeira, muito parecida com aquelas impostas aos seus antepassados, visíveis ainda nos bustos da Negra Anastácia.

Um dia de Sol enviesado, acordou mais irado do que de costume. E se lembrou de tudo que havia acontecido com ele e com os seus, nesta e na outra vida. E juntou um grupo de negros revoltados e partiu para fazer ações de protestos na rua. Mas era pouco, abriu-se uma fonte de raiva, era muita, era tanta que não cabia no corpo, no gesto, não cabia no ferro e só se aquietava no fogo ardente. No fogo se levantou.

Passou a queimar igrejas, templos evangélicos, pequenos e grandes. Inexplicavelmente saqueava igrejas e guardava santos, esculturas sagradas, emblemas, bandeiras, e cuidadosamente queimava cada peça com o maçarico deixando apenas algumas partes quase irreconhecíveis das relíquias. Passou a envia-las para salões e exposições de arte contemporânea. Suas obras passaram a ser conhecidas pelo mercado da arte, alcançando grandes valores pela sua originalidade. Sem que fosse feita a ligação entre a destruição de templos e obras benzidas pelo fogo do ódio de milhões de massacrados pela cruz e pela espada. Seu bando era visto com máscaras de ferro por ele esculpidas, parecidas com aquelas de flandres grudadas no rosto de escravos fugidios pelos senhores seus donos. Hábeis como gatos capoeiristas ou leopardos guerrilheiros, cometas cruzando com suas tochas incendiarias a noite das metrópoles. Em vez de pistolas e fuzis, brandiam a chama azul do maçarico.

Noticias de incêndios em capelas, igrejas e antigas catedrais assombravam a população. Não fazia questão de incendiar os prédios, ou

ferir gente, queria marcar com fogo os santos e anjos brancos. Estátuas cobertas de gesso e estuque, eram queimadas e tinham suas entranhas de madeira extraída das florestas derrubadas pelos colonizadores e transformando-as em gravetos, carvão, e o pretume da fuligem.

Uma noite de fogaréu, Zeno foi cercado pela polícia. Queriam-no vivo, queriam ver o rosto que ninguém conhecia atrás da carranca de ferro. Não havia escapatória. Seria preso, processado, identidade revelada, história romanceada por filme de aventura preconceituoso contra o negro revoltado.

Com gasolina e diesel se ungiu como um batismo sinistro, sacou de dentro do bolso um maçarico e se imolou como um monge budista, no meio da praça, uma fogueira humana.

Em sua última obra de arte, o fogo cobriu-lhe as ventas, a máscara de ferro fundido grudou-se aos restos de ossos do crânio. O preto da pele com o carvão, a paz que não tinha virou um monte de cinza. Antes, havia jogado no chão uma frase lápide, gravada em um pedaço de granito preto.

Aqui jazz.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em abril de 2020.

Publicado em junho de 2020.